

A JUVENTUDE NO CONTEXTO SOCIAL CONTEMPORÂNEO

Brasilmar Ferreira Nunes
Wivian Weller

Resumo

As juventudes vivenciam atualmente mudanças constantes que tomam os lugares e papéis desempenhados fluidos e incertos. A crise e a precariedade do emprego, assim como as rápidas e intensas mudanças nos padrões tecnológicos do sistema produtivo vão, pouco a pouco, adiando o tempo médio de capacitação adequada para disputa de postos de trabalho e exigindo capacitação permanente dos indivíduos, principalmente nos meios urbanos. Essa situação prolonga também a dependência do/da jovem do esquema familiar de vida: adquire-se autonomia em esferas pontuais da existência, mantendo-se a dependência familiar para a sobrevivência. O presente artigo desenvolve algumas reflexões sobre o contexto social dos jovens nesse início de século e analisa os desafios de uma sociologia da juventude, voltada tanto para a compreensão dos aspectos lineares das biografias juvenis (escola, profissão, família), como dos "desalinhamentos" ou experiências de deslocamentos e descontinuidades vividas no cotidiano.

Palavras-chave

Juventude Identidades. Sociabilidades. Sociologia da juventude,

YOUTH IN THE CONTEMPORARY SOCIAL CONTEXT

Abstract

The contemporary context of permanent change affects the situation of young people and leaves their social roles and positions fluid and uncertain. Particularly in urban regions, the rapid technological development and the instability of employment in the productive system, demand permanent vocational training. Consequently, the time of professional learning to get into the labour market is enlarging step by step. This situation also increases the dependence of the young people from their

parents: they gain autonomy only in some aspects of life, but their way of life depends from the familiar structure. The present article discusses some questions of the social context of young people in this new century and the challenges of the contemporary sociology of youth. This sociology needs to comprehend the linear aspects of youth biographies like school, profession, and family but also the experiences of dislocation and discontinuity in their every day lives.

Keywords

Youth, Identities. Sociability. Sociology of youth.

1 Introdução

Quando refletimos sobre fenômenos **geracionais**, estamos discutindo diferentes questões sob olhares diversos. É oportuno, por exemplo, explicitar que na contemporaneidade a juventude vivenda profundas mudanças em diferentes esferas da vida, das quais algumas estão diretamente vinculadas aos impactos dos processos sociais em curso. Particularmente, as mudanças no mundo da família e do trabalho com seus impactos em distintas dimensões da vida individual e social são vividos sobretudo pelas juventudes em contextos urbanos. Assim, ao lado de profundas mudanças nos padrões da família moderna (CANEVACCI, 1987; SINGLY, 1991), temos várias análises que apontam, por exemplo, o fim da sociedade do trabalho (OFFE, 1989; ANTUNES, 1999), o que atinge diretamente jovens, sobretudo a partir da adolescência. De fato, as idades da vida não correspondem apenas a etapas biológicas, mas a funções sociais.

Mas da mesma forma que a definição de infância foi uma construção social do Ocidente europeu nos séculos que precederam a modernidade (ARIES, 1991), a definição de juventude vem sofrendo também alterações. Faremos, portanto, algumas observações para refletir sobre a juventude na contemporaneidade. Em primeiro lugar, a faixa etária que estamos tomando como base para as reflexões se concentra entre 15 e 24 anos, o que representa 20.1% da população total do país (Censo IBGE 2000). Esta faixa, aparentemente arbitrária, está considerando que aos 15 anos o adolescente já está entrando numa nova etapa de sua vida psicológica, identitária e educacional; aos 24 é de se supor que sua

formação técnica ou acadêmica de base já tenha sido concluída e a sua entrada no mercado de trabalho se coloca como aspiração imediata. Em segundo lugar, nossa análise se deterá naquelas características do(a) jovem no contexto urbano, o que representa aproximadamente 82% da população de jovens brasileiros. Finalmente, estamos pressupondo que especialmente *os/as* jovens que vivem em contextos urbanos detêm hoje um caráter plural no que se refere aos seus desejos, seus interesses, seus recursos cognitivos e afetivos. A cultura de massa, a virulência dos meios de comunicação, as novas possibilidades de cantatas no universo *on-line*, dentre outros, são elementos das sociedades contemporâneas que têm influência direta neste grupo etário em pleno processo de formação identitária. Assim, condicionadas a se mover em múltiplas cenas da vida cotidiana, através de lógicas de ação diversas, confrontadas a experiências plurais, e mobilizando, portanto, aspectos diferentes e às vezes contraditórios de sua identidade, as juventudes hoje estão submersas numa ampla gama de estímulos próprios daquilo que alguns autores denominam de pós-modernidade (HALL, 1997).

O fato de estarmos enfocando o/a jovem no contexto urbano tem também implicações no campo sociológico. Por um lado, a sociologia tem como tarefa de estudo e pesquisa a decodificação da natureza dos vínculos sociais em sociedades modernas e, na medida em que ela considera os processos sociais como fenômenos em permanente transformação, há uma atenção constante aos processos de mudanças. No intuito de discutir suas lógicas intrínsecas; sobretudo no meio urbano, no qual as mudanças são mais freqüentes, induzidas pela complexidade social.

Por outro lado, se contextualizarmos a reflexão no meio urbano, temos ainda que levar em conta este lugar particular de sociabilidade entre os seres humanos. O fato de, neste meio urbano, estarmos próximos, nos vendo e nos mostrando permanentemente exerce um **efeito** particular sobre nossas mentalidades. De um lado, cria uma identidade no sentido em que somos aquilo que pensamos que os outros pensam **de nós**.¹ Por outro, simbolicamente falando, as relações que estabelecemos com o mundo são permeadas de significados que se traduzem em linguagens não faladas tão

¹ A construção identitária que começa pelo olhar dos pais sobre os **filhos** amplia-se cada vez mais **até** chegarmos ao estágio em que precisamos olhares outros que não aqueles exclusivos da esfera familiar.

importantes quanto as coisas ditas. A interação humana é a própria essência da sociedade, a ponto de certos teóricos insistirem no fato de que a vida social é um grande palco onde todos somos atores e desempenhamos *nossos papéis com maior ou menor competência, na medida em que incorporamos as normas sociais quando da socialização* (GOFFMAN, 1985). Portanto, nas cidades, a pulverização dos estímulos materiais e mentais exerce um efeito particular sobre as juventudes. É nesse sentido que o indivíduo urbano goza de forma específica o estar no mundo quando comparado com aquele do meio rural (SIMMEL, 1984).

2 Juventudes em contextos de mudanças

Os estímulos cotidianos sobre os/as jovens - sobretudo nas grandes cidades - atuam como produtores de visões de mundo, ideologias, em permanente mutação. A vida urbana hoje se situa, portanto, entre tensões que são a sua própria condição de existência: a mobilidade é a sua lógica maior. Migramos da casa para o trabalho, convivemos em ambientes heterogêneos, estamos sob tensão decorrente das desigualdades sociais, etc. Cada gesto, aparentemente banal, está carregado de significados e de estímulos diversos embaralhando as referências simbólicas. Aliás, esta é uma das questões recorrentes na sociologia que estuda as gerações nos tempos atuais. É certamente o pano de fundo de onde se expressam as situações gerais da juventude no mundo atual.

E os papéis sociais? O que eles de fato representam? Qual seria hoje o papel social de um/uma jovem? Retomando a metáfora goffmaniana da vida como um "teatro" podemos afirmar que, nas diferentes etapas da socialização, os indivíduos vão se inserindo no cenário da vida coletiva. A socialização pode ser entendida como o processo de inculcação das regras morais, *obrigatórias, desejáveis* e coletivas, do grupo (DURKHEIM, 1994). Tais regras definem o comportamento esperado do indivíduo, constituindo o cenário simbólico no interior do qual ele constrói sua trajetória. Em outros termos, é esta íntima relação entre a moral coletiva e a individual que *vai* permitir a construção do cenário social dentro do qual desempenhamos nossos papéis. Berger & Luckmann (1998) vão argumentar que a socialização se dá sempre no contexto de uma estrutura social específica. Em outras palavras, a análise microssociológica ou

sociopsicológica dos fenômenos de interiorização deve ter sempre por fundamento a compreensão macrosociológica de seus aspectos estruturais.

Sobretudo na visão de Berger & Luckmann a compreensão da sociedade, ou da relação indivíduo/sociedade, é vista como um processo dialético composto por três momentos: exteriorização, objetivação e interiorização. São estes três momentos que transformam o indivíduo em um membro da sociedade. Os autores afirmam que a interiorização – a saber, a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido (a manifestação de um processo subjetivo de outrem, que desta maneira torna-se subjetivamente significativo para mim) -, assim como a completa integração entre os dois significados subjetivos e a consciência disso, pressupõe a significação, ou seja, a apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido. Somente depois de ter realizado este grau de interiorização é que o indivíduo se toma membro da sociedade. O processo ontogenético pelo qual isso se realiza é a socialização: ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela." Segundo Berger & Luckmann só haveria uma socialização bem sucedida quando existisse elevada simetria entre a realidade objetiva e a subjetiva. o que segundo eles é antropológicamente difícil, senão impossível.'

A socialização secundária vai se dar em etapas posteriores da vida, uma vez completada a socialização primária (a da primeira infância) no devido tempo. Esta socialização secundária é justamente a que ocorre quando a sociedade se complexifica e, dada a divisão social do trabalho, acontece concomitantemente alguma distribuição social do conhecimento. É quando se processa a interiorização de subdimensões institucionais ou baseadas em instituições, quando o jovem adquire conhecimento de funções específicas, funções direta ou indiretamente com raízes na divisão do trabalho.

Entretanto, deve-se considerar o fato de que, nos tempos atuais, o cenário, a realidade objetiva, muda muito rapidamente. Esta permanente incerteza sobre os códigos do mundo objetivo termina por interferir na dimensão simbólica da existência social. Os papéis terminam por ser

2 Cf. Berger & Luckmann (1998), cap. (II: 'A sociedade como realidade subjéna'.

3 Para poder compreender esta afirmação de Berger & Luckmann sugerimos a leitura de *Mal-estar /a civilização*, de Sigmund Freud (Rio de Janeiro: Imago, 1974).

indefinidos, frágeis, de difícil ordenamento. Podemos argumentar ainda que a socialização acaba sendo um processo permanente, na medida em que as condições da existência social - e, assim, os suportes que nos garantem a **identidade** - se modificam, envolvendo-nos em frequentes redefinições de papéis.

É neste cenário que a juventude contemporânea ou a *geração Yô-Yô* - como Pais (2001, p. 73) a denomina - encontra-se imersa: num contexto de mudanças constantes no qual o seu lugar e os papéis que desempenha **são** fluidos, incertos. Sobretudo, a crise elou precariedade do emprego". assim como as rápidas e intensas mudanças nos padrões tecnológicos do sistema produtivo vão, pouco a pouco, ampliando o tempo médio de capacitação adequada para disputa de postos de trabalho e exigindo capacitação permanente dos indivíduos. Em consequência, observa-se um prolongamento da adolescência pelo aumento do tempo médio de estudos exigido; essa situação prolonga também a dependência do/da jovem do esquema familiar de vida. A autonomia individual é, portanto, adiada ou relativizada: **adquire-se** autonomia em esferas pontuais da existência, mantendo-se a dependência familiar para a sobrevivência. Desta maneira, se levarmos em conta esta dinâmica rapidamente descrita, podemos deduzir que o adulto jovem é aquele **indivíduo** em plena capacidade física e intelectual mas que, **dada** a fluidez da realidade objetiva, tem dificuldades em alcançar a autonomia plena em sua existência. Claro que a autonomia econômica é uma **dimensão** de peso dentre as demais, determinando outras dimensões suportes da existência (CASTEL, 2001)⁵.

Todos estes fatores são indutores de desestabilização, de incertezas. As pessoas vivem hoje de forma distinta de como viviam há algumas **décadas**.⁶ As **transformações** em curso abarcam o conjunto da vida social, alterando as próprias personalidades individuais: estas se tomam flexíveis,

4 Segundo um estudo **realizado** pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), **48%** da população **desempregada** em 2002 encontrava-se na **faixa** etária entre **15 e 24** anos, **representando** um total de **3,9 milhões de jovens desempregados**. Cf. *Desafios*, ano t. n. t, p. 52-59. ago. 2004.

5 Poderíamos **considerar, por** exemplo, a estrutura do mercado **de** trabalho **e** verificar o impacto do progresso **tecnológico** na criação **de** novos **posições** e a dificuldade **que** advém **para se** conseguir a **inserção** profissional.

6 Bauman (1998) chama a atenção para a **docilidade** dos indivíduos atuais: **úteis e passíveis de serem reformados** nas **suas** identidades sociais.

adaptando-se à própria flexibilização do mercado de trabalho, da economia e da sociedade.

Por outro lado, o individualismo como prática de vida é a grande tese subjacente aos processos de modernização. Neste contexto, identidades individuais passam por dificuldades de adaptação, uma vez que a esfera do consumo exerce um forte papel na definição das identidades: *ter* é mais importante do que *ser*, recondicionando vínculos, relações reais e imaginárias, sempre num processo de dominação sem resistência, uma dominação passiva.

E por que isso? Onde estariam as condições que fragilizam personalidades de jovens-adultos, muitas vezes criados com, amor, cuidado, rigor, atenção?

Nos tempos atuais não se tem mais 'a' profissão como tinham as gerações anteriores. Hoje, não há mais uma garantia de que o/a jovem que estuda engenharia realmente irá exercer a profissão, assim como o advogado, etc. Por um lado, surgem profissões novas, plenas de critérios originais, difíceis de serem transmitidos no processo educacional que o/a jovem vivenciou há não muito tempo." Estas mesmas profissões mudam profundamente no seu interior, fazendo com que o indivíduo se sinta ultrapassado pelo contexto. Há, portanto, uma exigência permanente de estar 'por dentro' e a sensação de risco, de ser incapaz de disputar um lugar. Tal incerteza leva muitos jovens a agarrar a primeira oportunidade que encontram, guiados apenas por critérios de segurança.

E a vocação? Onde foi parar? Um/a jovem hoje tem direito de ter uma vocação? Ou pretnido/a pelas circunstâncias se vê na obrigação de pegar o primeiro emprego que aparece ou de escolher o curso universitário com maiores garantias de emprego e melhores salários?

Profissão era uma coisa para a vida. O que é *para* a vida hoje? Nessa instabilidade estrutural o emprego público termina se transformando num porto seguro. A estabilidade aí existente vai se contrapor à instabilidade no mercado de trabalho mais amplo. O resultado é que muitos indivíduos prestam concursos para cargos absolutamente descolados das

7 Além de profissões ou funções que surgem com o progresso tecnológico e que são constantemente renovadas **pela** própria **evolução** da tecnologia, podem-se agregar as atividades que tornam a frente no mercado de trabalho em razão da terceirização da economia, a marona ligada à prestação de **serviços** e ao **cnretenmento**.

suas aptidões. Com exceção de certas profissões reguladas por Ordens ou Conselhos - médicos, psicólogos, advogados e outras poucas -, o Estado abre concursos onde o diploma universitário - qualquer que seja ele - garante disputar todo e qualquer cargo, criando situações absurdas onde nem sempre altos **salários** implicam em felicidade e realização. O emprego que era para ser uma libertação transforma-se numa prisão. O medo de deixar a segurança da posição e arriscar o novo se instaura, o que pode redundar em graus variados de frustração.

3 O lugar da família

Uma outra esfera da vida que também se apresenta de maneira incerta é a familiar. Apesar da tão decantada dessacralização do mundo, somos no Brasil socializados para constituir família, de preferência "abençoada por Deus". Por mais rebeldes que possamos ter sido quando adolescentes, tem uma inquietação profunda que de tempos em tempos aflora e nos questiona sobre "quando vai começar a namorar a sério?", "quando é que você vai se casar"? A cobrança é sutil e firme. Ao risco de questionarem inclusive a própria sexualidade, *o*la jovem ainda se vê na obrigação intransferível de encontrar alguém e construir um projeto comum de vida.

Mas **será** que é *para* a vida? Antes essa questão era sobretudo voltada para os jovens do sexo masculino, mas atualmente as mulheres também estão sendo cobradas em condições muito próximas. Em outras palavras, toda a revolução feminista, a revolução sexual, a pílula, e outros remédios mais atuais, tudo isso não conseguiu ainda abalar a santa família. Por mais que não consigamos deixar de expressar nosso espanto com casamentos que duram décadas - cada vez mais raros -, entra-se sempre numa relação com a intenção de fazê-la uma experiência para a vida. E o que é mais peculiar: justificamos em nome de um amor que, se olhado no tempo, não deixa de ser uma construção social.

A confusão mental que isso traz para *o*la jovem adulto é enorme. Entre a tentação de viver uma liberdade plena dos sentidos, da sexualidade, dos instintos mesmo, a cobrança para que constitua um ninho seguro, que procrie, que passe a desempenhar o papel de pai ou de mãe termina por enquadrá-lo às normas dominantes.

São justamente estas normas dominantes quanto à família que estão mais a confundir do que a esclarecer. Qual seria hoje o cenário da instituição família? Famílias efêmeras no lugar de famílias seculares, famílias múltiplas no lugar de mononucleares, produção independente de filhos, celibato vivido como resultado de uma certa incompetência para se relacionar.⁸

Entretanto, tamanha ambigüidade nos modelos de referência pode ser vista como positiva. Alguns cientistas sociais denominam este contexto como "sociedade de risco" (BECK, 1986), que se caracteriza como uma situação na qual os indivíduos estariam, entre outras coisas, liberados dos limites culturais impostos pela religião, pela tradição e moralidade convencional, pela crença incondicional nos pressupostos da ciência, além é claro dos limites estruturais impostos pela classe, o status, a nação, o gênero, a geração, a família nuclear, etc. Na medida em que as formas tradicionais de vida perdem sua capacidade de condicionar comportamentos, os indivíduos podem refletir livremente sobre a vida que querem levar e se organizar segundo seus interesses pessoais. O que era destino, hoje se transforma em escolha.

Vale ressaltar ainda que a disseminação do acesso à educação substituiu os estilos de vida e valores locais/regionais por modelos universalistas e transnacionais. a mobilidade espacial dissolve as sociabilidades vistas como tradicionais, impondo o aparecimento de novas formas de vínculos sociais. ao mesmo tempo em que a competição acirrada por postos de trabalho termina gerando indivíduos isolados de seus pares. Nesse sentido, poderíamos afirmar que a crescente migração e a instabilidade profissional não só produzem situações de isolamento, mas dificultam a construção de um projeto de família nos moldes vigentes no século passado, que, por uma série de influências, ainda permanece como modelo a ser seguido.

8 A enorme difusão de livros de auto-ajuda pode ter uma de suas explicações oriunda dessa dificuldade em adotar modelos de **vida** em esferas precisas da vida privada. A enorme vulnerabilidade dos **jovens** frente às imprecisões nas formas de vínculos **nessa esfera da vida** gera **indecisões** e desconforto. na medida em **que** contradizem **os modelos inculcados** no **processo** de **socialização**.

4 O sentido de 'situação de **risco**'

Este conjunto de possibilidades de existência e de exercício de nossa identidade traz conflitos latentes na vida cotidiana, bombardeada por estímulos que questionam permanentemente os papéis sociais. A cultura de massa, utilizando-se dos meios de comunicação, nos traz, permanentemente, novos modelos de comportamento, os quais, confrontados com os padrões tradicionais de existência social, geram um elevado grau de incerteza do indivíduo em sua vida social e consigo mesmo. A ruptura com os padrões de sustentação simbólica da existência social – ser homem/mulher, ser pai/mãe, ser filho/filha, ser profissional, ser amante, ser companheiro -, tudo isso é permanentemente colocado em questão fazendo com que atuem num social fluido, disperso, ambíguo, onde os pontos de apoio são cada vez mais flutuantes. Assim é que, num dado momento, podemos lamentar que as relações não sejam as mesmas de décadas passadas. Mas o fato é que não são mais as mesmas. É evidente que há coisas a reinventar, sobretudo no nível das relações.

Por outro lado, o sentido de casto e de pornográfico passou por uma série de transformações nestes últimos tempos, a ponto de se perguntar se Freud tomaria alguns de seus *case studies* como referência hoje. Atualmente, a percepção do ato sexual passa ao largo de algo que seja excitante apenas no nível da relação carnal. Embora o contato com os corpos seja ainda prazeroso, procura-se algo que emocione para além do ato em si; talvez por isso o fascínio por situações emotivas delicadas, onde o ato sexual deixa de ser a exclusiva razão dos encontros e procura-se construir uma intimidade que se descola da relação sexual *tout court*.

Isto pode estar significando que há uma nova consciência do 'estar junto'; o estresse decorre justamente da desigual consciência dessas novas maneiras de 'estar com'. Esta consciência chega para uns com antecedência em relação a outros, provocando fissuras e descompassos no cotidiano das relações. Um dos resultados é que está cada vez mais ambígua a noção de escândalo, sobretudo quando observamos os modelos de relacionamento que se nos apresentam. O fato é que há muito que reinventar e refabricar nas relações e há muitas formas de se reinventá-las. Sem dúvida alguma, estar envolvido nesse processo de reinvenção produz situações de estresse e de insegurança, pela incerteza dos resultados que

podem ser alcançados por um fenômeno que coloca nossa identidade em jogo permanente.

Um outro ponto que instiga nos tempos atuais: se por um lado há mais liberdade de se fazer novas experiências, afetivas, sexuais, **há** também um certo descompromisso com o afeto. Mas sabemos outrossim que é impossível atravessar uma relação impunemente. Esse comportamento transforma a obsessiva busca do prazer num gesto que produz simultaneamente a dor, a angústia – em outros rerrnos, em fonte de estresse. Tudo isso para chamar a atenção para o fato da banalização do ato afetivo nos tempos atuais. Essa onda de troca de parceiros, de «ficar» mais do que «estar» com alguém, coloca imediatamente uma outra questão: quantas experiências pessoais podem ser revolucionárias, no sentido de nos recolocar frente ao mundo? Tentar compreender nossos atos é como tentar compreender como podemos pensar, sentir ou nos comportar melhor. Faz com que o conjunto de nossas fantasias nunca seja encarado pejorativamente pela sua inocência. Faz com que o exponhamos a uma outra ordem de grandeza. E no fundo é uma fonna de se escapar do estresse cotidiano, de dar sentido à realidade, mesmo quando a realidade convencional não faz sentido algum.

Essas reflexões podem de maneira sintética servir como suporte para uma idéia de reservatório de práticas onde os atares negociam a permanência de suas identidades. A identidade de um atar ou de um grupo estaria então sendo concebida como resultado provisório de uma negociação entre elementos díspares e **lógicas** múltiplas e sincréticas. Vivemos de fato uma situação de lógicas plurais de existência social. É realmente um mundo de indivíduos cada vez mais isolados e solitários.

Este sentimento de isolamento está relacionado ao fato de que a perda de valores simbólicos nos transforma em seres sem história; as coisas se passam como se tivéssemos que desempenhar nossa história sem um enredo prévio, como se tivéssemos que construí-lo no dia-a-dia de nossa existência. É importante lembrar que nossa memória é produtora de um nível identitário que, vindo do ventre materno - sei quem sou porque sei de onde venho -, se estende para núcleos familiares, relações de amizade, vizinhança, camaradagem, e mesmo relações conflituosas. Quem seria capaz de negar o fato de que nos conflitos cotidianos aprendemos muito de nós mesmos, mais talvez do que em modelos preestabelecidos?

Essa perda de memória, de vínculos tradicionais que orientem os princípios de interação com o outro pode ser vista tanto como um fato positivo como negativo. Positivamente ela pode ser um princípio de liberdade que nos permite agir segundo nossos desejos e fazer disso um componente fundamental na construção de novas formas de sociabilidade, de vida em comum. Negativamente, o limite é imposto pelo próprio princípio de realidade, aquele que nos diz como agir para reprimir desejos, evitar a morte e desenhar nosso papel na vida de forma a que o sofrimento seja o menor possível.

5 A título de conclusão: para uma sociologia da **juventude** do século XXI

Que lugar ocupa a juventude hoje num contexto de tal natureza, considerando essas dimensões: espaço urbano. trabalho. família. perda dos vínculos tradicionais e de referência identitária? Quais os desafios e estratégias metodológicas para uma sociologia que se propõe a estudar essas novas configurações e lugares ocupados pelas juventudes contemporâneas?

Não se pode negar que os/as jovem têm desafios pesados a vivenciar e que suas trajetórias de vida já não transcorrem de forma linear. Nesse sentido, a sociologia contemporânea encontra-se diante de dois desafios. Por um lado, tem como tarefa de estudo e pesquisa a decodificação da natureza dos vínculos sociais em sociedades modernas e a compreensão das novas formas de vida que as/as jovens vêm buscando construir nesses espaços de permanente mudança. Fazem-se necessárias pesquisas voltadas não somente para a análise das experiências juvenis, que carecem de uma reflexão teórica, mas principalmente para a análise do *modus operandi* e do sentido prático dessas ações em seus contextos específicos (BOURDIEU, 1980). As mudanças **vividas** nas últimas décadas exigem, portanto, uma reflexão mais dinâmica sobre as juventudes contemporâneas, não somente voltada para a compreensão dos significados e valores que instituições tradicionais desempenham ou deixam de desempenhar em suas vidas, mas sobretudo para o agir cotidiano dos/as jovens, que não tem que estar necessariamente vinculado a um tipo de ação racional imputado de um sentido específico, como defendido em muitas

concepções utilitaristas ou normativas da ação (JOAS, 1996)⁹ Cabe à sociologia refletir sobre o real conteúdo das experiências juvenis, sobre o que elas informam, sem violar seu caráter individual, mas 'traduzindo-as' para o interior da teoria, ou mesmo 'abrangendo-as' através das formas lógicas. Essa é – segundo Karl Mannheim – a finalidade da pesquisa científica, um processo de apreensão da realidade que aponta de volta para os estágios iniciais pré-teóricos, para o nível da experiência diária (MANNHEIM, 1952; WELLER et al., 2002).

Por outro lado, novos instrumentos e métodos de análise devem ser elaborados, se quisermos compreender a turbulenta trajetória dos/as jovens nos dias de hoje, Pais (2001) chama a atenção para a necessidade de uma "sociologia da pós-linearidade", uma vez que o próprio conceito de trajetória "remete para uma representação da vida que a toma como o linha", na qual passado, presente e futuro são considerados "na forma de um tempo contínuo e homogêneo". Ou seja, ao fazermos uso de métodos biográficos e comparativos devemos voltar nossa atenção não somente para os aspectos lineares que compõem uma espécie de moldura das histórias de vida (escola, profissão, família), mas sobretudo para os 'desalinhamentos' ou experiências de deslocamentos e descontinuidades biográficas encontradas nos percursos desses jovens. São justamente essas experiências coletivas de descontinuidade e desintegração que servirão como base para a formação de novos *milieus* e vivências comuns, assim como de novos modelos de enfrentamento dessas experiências de descontinuidade e desintegração (BOHNSACK; WILD, 1997; WELLER,

⁹ De acordo com Joas. "existem pelo menos três aspectos imputados em todas as teorias da ação. que panem de um tipo específico de ação racional – independentemente de conceberem racionalidade no sentido restrito ou mais amplo. de forma utilitarista ou normativa: a) a concepção de que o ator está capacitado a agir com precisão *zielgerichtetes Handeln*; b) que ele possui o domínio sobre seu corpo; c) que ele possui autonomia em relação às pessoas e ao meio social em que se encontra. Nessa perspectiva. uma menor concentração do ator numa determinada ação. a perda ou um menor grau de domínio sobre o corpo, bem como a perda ou abdicação da autonomia do indivíduo, fazem com que o ator seja visto como pouco ou nada racional, diminuindo, consequentemente. a probabilidade de que suas ações sejam classificadas como racionais. Defensores dessa concepção sabem, no entanto. muito bem que os aspectos imputados nesse modelo de ação racional praticamente inexitem nas ações concretas. A validade limitada dessas precondições acaba sendo vista por eles. não como um déficit de suas teorias, e sim dos atores." (1996. p. 216. tradução nossa).

2004). Portanto, para compreender a crescente individualidade, o isolamento, a perda de valores simbólicos e a angústia em relação a um futuro incerto, entre outros aspectos, a **sociologia** da juventude deve deter-se nos detalhes e aspectos da cotidianidade dos jovens, buscando decifrar o significado dessas experiências e as potencialidades que as mesmas podem oferecer no sentido de recuperar a memória e os vínculos perdidos ou de estabelecer novas formas de coletividade e de reconstrução das identidades em questão.

Referências

- ANTUNES, Ricardo. 1999. *Adeus ao trabalho*: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez.
- ARIES, Philippe. 1991. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- BAUMAN, Zygmunt. 1998. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. 1998. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.
- BOURDIEU, Pierre. 1980. *Le sens pratique*. Paris: Les éditions de Minuit.
- CANEVACCI, Massimo. 1987. *Dialética da família*: gênese e dinâmica de uma instituição repressiva. São Paulo: Brasiliense.
- CASTEL, Robert ; HAROCHE, Claudine. 2000. *Propriété privée, propriété sociale, propriété de soi*. Paris: Fayard.
- DURKHEIM, Émile. 1994. *Sociologia e filosofia*. São Paulo: Ícone.
- GOFFMAN, Erving. 1985. *A representação do eu na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Vozes.
- HALL, Stuart. 1997. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

MANNHEIM, Karl. 1952. On the interpretation of Weltanschauung. In: _____, *Essays on the sociology of knowledge*. London: Routledge & Kegan Paul. p. 33-83.

NUNES, Brasilmar Ferreira. 2003. *Sociedade e infância no Brasil*. Brasília: Editora UnB.

ü FFE, Claus. 1989. *Capitalismo desorganizado*. São Paulo: Brasiliense.

PAIS, José Machado. 1993. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

_____. 2001. Por uma sociologia da pós-linearidade. In: _____ *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto: *Âmbar*. p. 85-105.

SIMMEL, Georg. 1984. Metrôpoles el mentalité. In: GRAFMEYER, Y.; JOSEPH, I. (orgs.) *L'Ecole de Chicago: naissance de l'écologie urbaine*. Paris: Editions Aubier.

SINGLY, François de. 1991. *La famille: l'état des savoirs*. Paris: La Découverte.

WELLER, Wivian et al. 2002. Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: uma forma de análise das visões de mundo. *Estado e Sociedade*, Brasília, v. 17, n. 2, p. 375-396, jul./dez.

WELLER, Wivian. 2004. O hip hop como possibilidade de inclusão e de enfrentamento da discriminação e da segregação na periferia de São Paulo. *Caderno CRH*, Salvador, v. 17, n. 40, p. 103-115, jan/abr.